



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E UNIVERSIDADES BRASILEIRAS: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS (1970 – 1980)

Maria Luiza Ferreira Duques

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: luizaduques@hotmail.com

Cláudio Eduardo Félix dos Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: cefsantos8@gmail.com

1085

INTRODUÇÃO

A reorganização dos movimentos sociais, sindicais e de partidos políticos de esquerda no contexto da crise da ditadura civil-militar brasileira, em meados dos anos 1970, fez emergir um conjunto de reivindicações em vários âmbitos da sociedade. Uma dessas reivindicações se encontrava na luta pela educação, tendo na alfabetização dos jovens e adultos uma bandeira que foi assumida por vários sujeitos e instituições, dentre as quais, as universidades. Pelo alcance que possuem, as universidades constituem espaços que apresentam condições de desnudar o conteúdo ideológico de aceitação histórica do descaso pela Educação de Jovens e Adultos-EJA no Brasil.

A dívida que o Brasil possui com os jovens e adultos analfabetos, muito embora não possa ser esquecida, pode encontrar mecanismos capazes de ser amenizada. No decorrer dos anos de 1980, algumas ações foram realizadas no intuito de conferir escolarização para os jovens e adultos não escolarizados. Foi um momento em que, visando atender a um contexto de mudanças, algumas universidades brasileiras buscaram redefinir as bases de sustentação das ações de ensino, pesquisa e extensão, o que culminou no surgimento de importantes projetos de EJA.

Esta pesquisa, que se deriva da tese doutoral defendida em 2021 com o mesmo título, investigou experiências de EJA desenvolvidas por três universidades públicas brasileiras e objetivou analisar, a partir das memórias dos educadores, as ações educativas das experiências de EJA desenvolvidas durante as décadas de 1970 e 1980 pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e Universidade de Brasília - UnB, identificando aproximações e distanciamentos em termos de teorias e práticas educativas e investigando as lutas, conquistas e legados dessas experiências para o campo da EJA.



O Programa de Alfabetização de Funcionários - PAF da UFSCar, considerado como uma das experiências de alfabetização de adultos mais bem refletida e avaliada (FÁVERO; SIQUEIRA, 2016) surgiu, por volta de 1978, visando o atendimento das solicitações dos funcionários que atuavam na UFSCar e que, por motivos vários, não tiveram oportunidade de escolarização. O grupo de alfabetização foi criado na UFSCar em decorrência da motivação imediata da eleição para reitor, quando se descobriu a existência de um número considerável de servidores não alfabetizados. Diante dessa constatação, educadores com engajamento político e pedagógico no âmbito das lutas por EJA se mobilizaram na formulação do Programa.

A iniciativa de EJA da UFMG nasceu, em 1986, com a denominação “Projeto Supletivo do Centro Pedagógico - CP” pela via da extensão universitária na década de 1980, uma década cujo atendimento público da educação de adultos era bastante reduzido. Nessa conjuntura, a Associação dos Servidores da UFMG buscou, junto aos órgãos gestores da instituição, o oferecimento do curso de ensino fundamental para os trabalhadores. Essa solicitação convergiu com discussões já travadas por professores do Centro Pedagógico, no sentido de ofertar, no período noturno, cursos para adultos que não conseguiram se escolarizar na idade tida como apropriada. (SOARES, 2016).

O Projeto da UnB tem sua formação imbricada à história de constituição de Brasília e suas interfaces com o êxodo rural. Em busca de melhores condições de vida, muitos migrantes abandonaram suas terras para arriscarem a vida na recém-construída capital brasileira. As contradições provenientes do aparato do Estado, que negava às populações do Paranoá o direito à sobrevivência, culminaram num movimento de mobilização na perspectiva de lutar pela regularização da ocupação das terras e pelos bens e serviços inerentes à sobrevivência. (REIS, 2011). Diante das ameaças do governo à comunidade do Paranoá, os moradores buscaram aliados com engajamento nas pautas populares, a exemplo de alguns professores da UnB. No ano de 1986, mediante o compromisso firmado pela UnB, através de educadores sensíveis à condição dos que não liam e nem escreviam surgiu o Projeto de EJA da UnB, Projeto Paranoá.

Considerando as formulações de Thompson (2002, p. 46) quando ele afirma que “as universidades se engajam na educação de adultos não apenas para ensinar, mas também, para aprender”, as propostas de EJA desenvolvidas nas universidades estudadas, traduziram-se em espaços de enfrentamento ao analfabetismo, sendo demandadas pelos próprios funcionários não alfabetizados dos campi universitários ou por demandas externas das lutas sociais. Desse modo, as experiências de EJA realizadas



nas três universidades pesquisadas configuraram-se numa perspectiva contra-hegemônica, que envolvia a apropriação da cultura letrada pelos educandos, alinhada à dimensão política do educar na perspectiva de transformações mais profundas dos indivíduos e das relações sociais de exploração e dominação, em meio às lutas pela redemocratização do Brasil nas décadas de 1970 e 1980.

METODOLOGIA

Este estudo se situa no plano da memória e da experiência, considerando as relações estabelecidas na trajetória das propostas de EJA nas universidades. Desse modo, nosso ponto de partida no método de investigação foi situar o estudo no campo da memória e experiência, buscando entender a construção da EJA no terreno da história, considerando os condicionantes sócio-históricos e a organização social que desdobrou em setores ligados aos movimentos de lutas sociais nas universidades e na, conseqüente, necessidade de criação de projetos de EJA nos finais dos anos 1970 e nos anos 1980. Para isso, realizamos o levantamento da produção teórica sobre o tema, a fim de termos elementos analíticos da realidade da EJA.

As análises empíricas se estruturaram através de entrevistas com os educadores que atuaram nos projetos de EJA das universidades e estudos de documentos, memoriais e relatórios produzidos sobre os Programas de EJA, de modo a explorar os referenciais teórico-metodológicos em consonância com as memórias dos educadores. Na tentativa de buscar as memórias de grupos de educadores que dialogaram na construção de experiências de EJA, adotamos a memória entendida como elemento social, formulada mediante a interação entre sujeitos sociais. Tomamos as contribuições de Thompson (2002), Aróstegui (2004), e Halbwachs (2003), como esteio para discutir as experiências e a memória coletiva. Considerando, assim como Halbwachs (2003, p. 69), que “[...] são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo”, escutamos as reminiscências dos informantes, de modo individual, a fim de articular os elementos coletivos de composição da memória viva das experiências que pesquisamos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O aspecto inicial a ser evidenciado refere-se ao surgimento de cada experiência de EJA: as três nasceram em um contexto de mobilização a favor da redemocratização, cujo auge se deu com a Constituição Federal de 1988. As propostas se situam no rol de experiências críticas, contra-hegemônicas que foram gestadas para atender as



necessidades de escolarização de jovens e adultos trabalhadores, apresentando-se como espaços indutores da formação de educadores de EJA por proporcionarem a formação de licenciandos para atuação docente, tendo a estruturação teórica de fundamentação cunhada, essencialmente, nos pressupostos freireanos da Pedagogia Libertadora; nas concepções da Pedagogia Histórico-Crítica e no Materialismo Histórico Dialético.

Existe, nas práticas das propostas, um impacto da dimensão política na educação e uma preocupação em entender as especificidades dos educandos e ofertar uma formação voltada às necessidades manifestas. O aspecto do conhecimento da realidade dos educandos, atrelado ao entendimento das concepções da EJA, levou as propostas a organizarem o material pedagógico próprio, conectado à vida dos educandos. A organização formativa das propostas privilegiava a valorização dos saberes da experiência, mas sem descartar a importância dos conhecimentos clássicos na EJA.

As memórias dos educadores são reveladoras de desafios que ameaçaram promover a interrupção das atividades, pela insuficiência de recursos financeiros, pelas tramas do sistema capitalista que configuravam amarras constantes no desenrolar dos trabalhos e pelos diversos enfrentamentos no sentido de manter, nas universidades, propostas voltadas a uma modalidade educativa tida como de menor prestígio. Contudo, enquanto propostas contra-hegemônicas propulsoras de transformação, as experiências contribuíram, e, continuam a colaborar, com o cumprimento da função social das universidades, com a promoção da formação dos educadores que atuaram e atuam nessas propostas, com a produção científica, através das pesquisas promovidas a partir dessas experiências e, essencialmente, com a transformação dos educandos e da sociedade. Pela teorização produzida no campo da EJA, pelos materiais didáticos elaborados, pelas metodologias político-pedagógicas formuladas e pela atuação das propostas no âmbito da formação de educadores e escolarização dos educandos trabalhadores, a despeito dos desafios, essas iniciativas, que se firmaram como espaços de referência em EJA para o Brasil, têm contribuído com a inserção da EJA no debate acadêmico e nas pautas das políticas educacionais brasileiras, no sentido de viabilizar a efetivação do preceito constitucional do direito à educação, possibilitando, nos educandos jovens e adultos, a transformação dos jeitos de ser e estar no mundo.

CONCLUSÕES

Considerando as ações educativas, as lutas enfrentadas e os legados deixados pelas três experiências de EJA, reconhecemos que essa é uma temática atravessada por



desafios. É fundamental, portanto, reconhecer que a discussão sobre a EJA demanda inserção em um campo político complexo, que apesar de acumular algumas conquistas, ainda é marcado por desigualdades.

O trabalho desenvolvido pelas propostas conseguiu, apesar dos percalços apresentados, uma articulação possível da universidade com a EJA. De algum modo, as ações formativas das experiências de EJA da UFSCar, UFMG e UnB estimularam o debate em torno da função das universidades, no sentido “de colocar tudo que há de melhor na universidade à disposição da grande maioria da população, frequentemente, excluída dos benefícios sociais básicos da sociedade”. (IRELAND, 1995, p. 12).

Em meio a tantas desigualdades, esperamos que o compromisso firmado por coletivos sensíveis à EJA, como os que participaram deste estudo, possam movimentar iniciativas capazes de contribuir para o enfrentamento dos desafios que instigam, constantemente, a luta a favor da afirmação de políticas para essa área, no sentido de viabilizar a efetivação do preceito constitucional do direito à educação.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias. Experiências. EJA. Universidades brasileiras.

REFERÊNCIAS

ARÓSTEGUI, Julio. **La Historia vivida:** sobre la historia del presente. Madrid: Alianza editorial, 2004.

FÁVERO, Osmar; SIQUEIRA, Elisa Motta de Souza. Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos. Memória e História. In: RIBEIRO, Ana de Almeida (org.). **Estudos e práticas em EJA:** ampliando olhares. Rio de Janeiro: Caetés, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

IRELAND, Timothy Denis. (org.). Memórias do IV Seminário Internacional: Universidade e Educação Popular. In: Seminário Internacional Universidade e Educação Popular, 4, 1994. **Anais.** João Pessoa: Ed. Universitária: UFPB, 1995.

REIS, Renato Hilário dos. **A constituição do ser humano:** amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SOARES, Leôncio. 30 anos de EJA na UFMG-Extensão, formação e pesquisa. **Revista Teias**, v. 17. Edição Especial - Práticas nas IES de formação de professores para a EJA, 2016.

THOMPSON, Edward Palmer. **Os românticos.** A Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.